

O ELEFANTE  
DE MARFIM

NEREA RIESCO

# O ELEFANTE DE MARFIM

Tradução de  
F. J. CARVALHO



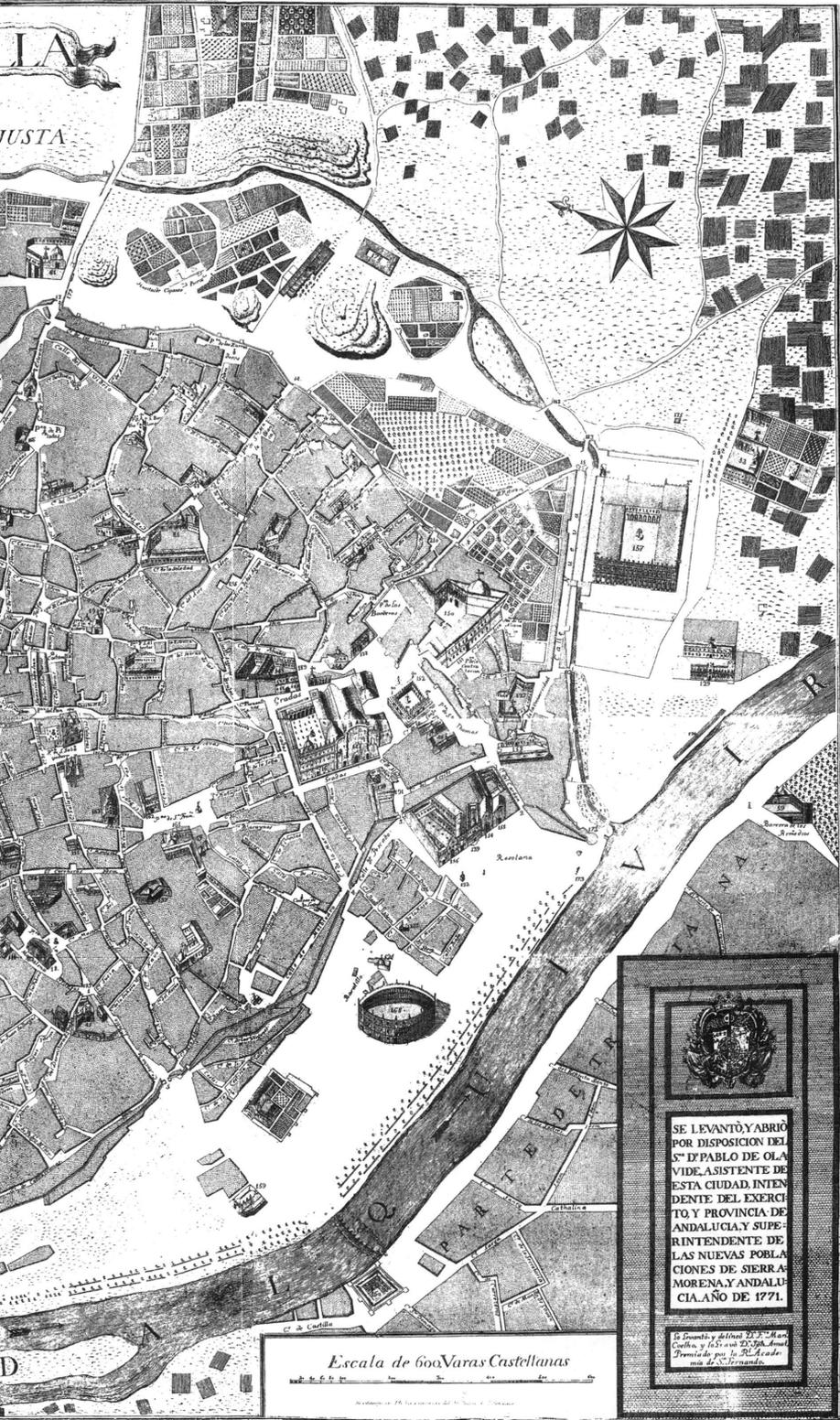
BERTRAND EDITORA

Lisboa 2013

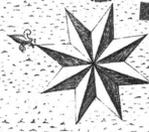
*À memória de José Miguel Vicente Navarro,  
que merecia (pelo menos) mais sessenta anos.*

N. R.





IA  
USTA



Escala de 600 Varas Castellanas

100 200 300 400 500



SE LEVANTÓ Y ABRIÓ  
POR DISPOSICION DEL  
S<sup>RO</sup> D<sup>E</sup> PABLO DE OLA  
VIDE, ASISTENTE DE  
ESTA CIUDAD, INTEN  
DENTE DEL EXERC  
ITO Y PROVINCIA DE  
ANDALUCIA Y SUE  
RI INTENDENTE DE  
LAS NUEVAS POBLA  
CIONES DE SIERRA  
MORENA Y ANDALU  
CIA. AÑO DE 1771.

*Se levantó y abrió el 27 de Mayo  
de 1771 y se levantó el 27 de Mayo  
de 1771 por la Real Cédula  
de S. Fernando.*

Reproducido por el Sr. D. Juan de Dios...

*Já não há diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vós sois um só em Jesus Cristo.*

Carta de São Paulo aos Gálatas,  
capítulo 3, versículo 28

*Oh, gentes! Seguramente vos criámos a todos de varão e fêmeas, e vos fizemos nações e tribos para que vos reconheçais uns aos outros.*

Alcorão, Sura 49; al-Huyurat, 13

يا أيها الناس إنا خلقناكم من ذكر وأنثى وجعلناكم شعوبا وقبائل لتعارفوا

سورة الحجرات الآية 13

## PRÓLOGO

Havia muito tempo que jogavam xadrez. O toque dos sinos e o aroma a leite fervido e a pão acabado de torrar recordou-lhes que era a hora primeira e que não tinham comido nada desde que começaram a partida. Aquele lugar tinha o ar clandestino das antigas catacumbas romanas. Sobre as compridas mesas que enchiam o aposento misturavam-se, sem ordem aparente, resmas de papéis, livros, mapas, apontamentos e tabuleiros de xadrez alinhados que esperavam com impaciência converterem-se novamente num campo de batalha. As espessas paredes de pedra estavam decoradas com frescos que refletiam cenas profanas: diversas representações mostrando a evolução da Giralda através dos tempos, barcos lutando contra tempestades, paladinos atacando o inimigo de espada na mão, ameias assediadas... talvez por isso os irmãos da Ordem chamavam a este local o «Krak dos Cavaleiros».

Os dois adversários olharam-se com receio. O rei branco estava em perigo. A ameaça da intrépida rainha preta mantinha-o imobilizado atrás de dois peões e um cavalo, mas o ataque era esmagador e nem sequer fazia ideia de quanto tempo poderia continuar assim. O jogador mais jovem suspirou, apaziguando a sua ansiedade. Levantou o seu alfil preto com a maior delicadeza, pegando-lhe entre o indicador e o polegar, levando-o até à casa precisa. Um impercetível sorriso iluminou o seu rosto juvenil. Estava assegurado: o seu adversário não tinha escapatória.

— Xeque-mate — anunciou lentamente, tentando que a satisfação não o impelisse a pecar por orgulho.

— Não há dúvida, irmão — disse-lhe o comendador da Ordem.  
— Ganhastes todas as partidas. Sois o melhor.

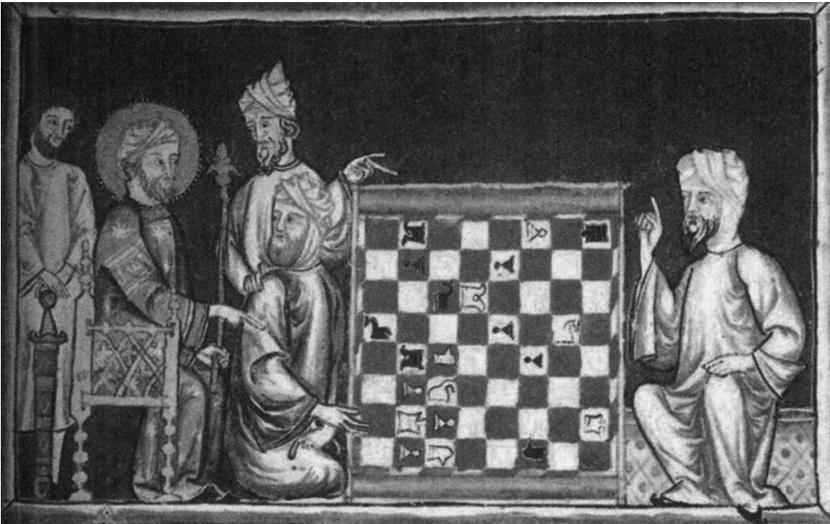
— Agradeço-vos o cumprimento — respondeu o jovem.

— Não, não se trata de um cumprimento: é justiça. Tendes um talento inato para o xadrez. Tenho-vos observado desde que éreis um menino. A minha missão consiste em encontrar o melhor, e vós sois o melhor. Precisamos do melhor para poder ganhar... e eu eleger-vos a vós.

— Quando? Onde? Quem será o meu rival?

— Tende calma — murmurou o comendador, colocando a mão no ombro do jovem. — Ainda não há respostas para essas perguntas. Só uma coisa é certa: qualquer dia, teremos de jogar essa partida... e teremos de ganhá-la.

ABERTURA



## O DIA DO TERRAMOTO

*Alfil é cada lábio que se toca;  
cavalo é todo o beijo perpetrado;  
os dentes são torres que o tempo enroca;  
a língua é doce xeque inesperado.*

ENRIQUE GONZÁLEZ

O terramoto aconteceu no dia de Todos-os-Santos. Como todos os anos, os sevilhanos aproveitavam o dia para desempoeirar as casacas de veludo e as mantilhas de seda crua e ataviavam-se de negro desde o chapéu até ao mais profundo da alma, de maneira a que a sua mágoa pelo efémero da vida humana ficasse refletida no ambiente da rua. O ritual da jornada consistia em acorrer a visitar os defuntos, de flores na mão, falar com eles para pô-los ao corrente dos últimos acontecimentos familiares e sociais e dirigir-se à missa do meio-dia mostrando uma atitude devota. Depois, só restava esperar a hora da merenda, na qual os mortais se entregavam a devorar esponjosas fi-lhós recheadas com creme e túbias de amêndoa, cujo aspeto lembrava o que lhes dava o nome, embora a sua porosidade tivesse a textura açucarada do doce de ovos.

A manhã tinha despertado com uma ligeira névoa. As pessoas surgiam de improviso, como sombras saídas das esquinas brumosas, caminhando em silêncio para que o frio do outono não lhes entrasse pela boca. Pareciam seguir um itinerário organizado com tempo, uma

coreografia estudada que os dividia em grupos: uns para o cemitério do Prado de São Sebastião, outros para o dos Pobres, estes para o dos Cónegos, aqueles para o dos Eclesiásticos, os restantes para o de São José, em Triana...

Dona Julia, a jovem viúva de Haro, não podia ser diferente. Por volta das nove e meia da manhã, saiu da sua casa-tipografia da rua Génova agarrada ao braço forte de mãe Lula, a criada negra que ela recordava ao serviço da sua família desde que teve uso da razão. Lula, naquele dia, levantara-se com o coração alvoraçado.

— O mundo acaba hoje — afirmou bem cedo, soltando um suspiro resignado enquanto aproximava a bandeja com o pequeno-almoço da cama da senhora, meneando o seu enorme traseiro.

— É por dizeses esse tipo de coisas que as pessoas te evitam — respondeu-lhe dona Julia antes de mordiscar sem apetite a torrada.

A coscuvilhice popular garantia que mãe Lula tinha chegado ao porto de Sevilha num navio de escravos que cheirava a marfim e a tirania, procedente de uma povoação africana chamada Yoruba, berço do vudu. Diziam que vinha esquelética, que no seu cabelo emaranhado como cordas faziam ninho os piolhos, que trazia pústulas supurantes nos olhos e nos lábios e que emitia grunhidos de criatura selvagem. Ao que parece, o pai de dona Julia, o respeitado boticário Juan Nepomuceno Gil de la Sierpe, descobriu-a quando dava um dos seus habituais passeios pelo porto de Mulas, esperando que algum barco chegado da Nova Espanha trouxesse um remédio milagroso que pudesse curar, de uma vez para sempre, as febres palustres que começavam já a converter-se num mal endémico na cidade. Juan Nepomuceno era um estudioso das plantas e estava convencido de que havia no ultramar arbustos medicinais capazes de acabar com as enfermidades do continente europeu.

— Se não fosse por ter uma família que depende de mim, quem embarcava para lá era eu e regressava com a cura para todos os males. Sim, porque os indivíduos que partiram para essas terras de promessa são todos uns asnos sem cultura que só sabem dar pancada nos pobres índios — afiançava ele. — Que desperdício, Senhor! Pois se dizem que as plantas terapêuticas crescem nessas terras até debaixo das pedras! Estamos completamente equivocados. Trazemos tanto ouro e prata, e o que realmente tem valor é o que nos dá saúde.

Para que serve o dinheiro se não se tem saúde, hem? — dizia aos seus amigos, que assentiam sorridentes às suas arengas mais por simpatia do que por convicção.

É que o senhor Gil de la Sierpe era por natureza humanista e partidário de recuperar a identidade moral do ser humano. Por isso, mal viu a rapariga negra em cima de um caixote de madeira com um semblante de dor, cobrindo as suas vergonhas com um farrapo imundo, com uma gargantilha de ferro ferrugento que a prendia com grilhetas aos tornozelos e aos punhos, enquanto o negreiro de serviço proclamava as suas qualidades como se estivesse a vender um saco de cevada, ele apiedou-se dela. Pagou sem contestar o que lhe pediram e levou-a para sua casa sem fazer caso dos protestos da esposa. Uma vez limpa e vestida, puderam constatar que devia rondar os catorze anos, que desconhecia por completo os rudimentos da alimentação com talheres e que a única palavra que emitia com um mínimo de clareza e de forma repetitiva era «Lula».

Dona Julia, que nessa altura tinha apenas cinco anos de idade, ficou encantada com a nova habitante da casa. Pegou-lhe na mão e desapareceram ambas escadas acima. Ninguém voltou a vê-las nem a ouvi-las durante duas horas e meia. Chamaram-nas aos gritos, procuraram debaixo das camas, no sótão, na despensa. A mãe de dona Julia censurou o seu marido por ter trazido para casa uma antropófaga, daquelas que comiam crianças brancas com ervilhas, minha pobre filha, pobrezinha, pobrezinha... até que o jardineiro viu um rasto de roupa que ia da cozinha até ao pátio das traseiras. Aí, encontraram as rapariguinhas como Deus as trouxera ao mundo, tagarelando num idioma herege, rindo-se, sujas até às orelhas, comendo às mãos-cheias a terra dos vasos.

— Vê bem o que conseguiste com a tua mania da compaixão — gritou a mãe de dona Julia ao seu marido enquanto levantava com pouca firmeza a filha, agarrando-a por um braço e cobrindo-a com o seu xaile. — Temos de nos desfazer deste monstro... vai fazer da menina uma selvagem. Quero-a fora desta casa, já!

A determinação da sua mulher pareceu convencer Juan Nepomuceno, mas quando a jovem Julia viu que a separavam da sua nova amiga ficou zangada. Enrubescou, atirou-se para o chão e ninguém

a conseguia levantar porque dava dentadas e pontapés a todos os que se aproximassem. Entre berros, soluços e fungadelas de ranho, a única coisa que se percebia era que, se mãe Lula se fosse embora, ela atirava-se ao rio. Por fim, a rapariga morena ficou na casa.

Com o passar dos anos, mãe Lula aprendeu a falar com sotaque andaluz e tornou-se numa serva de Nossa Senhora dos Anjos, na Irmandade dos Pretinhos. Preparava como ninguém o gaspacho, acrescentando-lhe o toque pessoal de laranjas amargas, e exercitou-se o suficiente com o garfo e a faca para evitar qualquer perigo para ela própria ou para os demais. Mas as pessoas olhavam-na com desconfiança, em parte pelos subtis comentários que a mãe de dona Julia soltava nas reuniões sociais, onde garantia que a sua criada negra escondia debaixo da cama um boneco de trapos cravejado de alfinetes com o qual era capaz de provocar dores de barriga a quem lhe fosse desagradável.

Mãe Lula era muito observadora. Havia mais de uma semana que prestava atenção ao estranho comportamento dos cães que passavam as noites a uivar à Lua; aos pássaros que faziam o ninho no mais alto dos campanários das igrejas e que se tinham ido embora assustados, deixando as crias de bicos abertos, pedindo comida; aos cavalos que se erguiam tensos, de olhos brilhantes, quando tentavam colocar-lhes o freio. Até Juan, o indigente, enlouquecera na tarde anterior. Pusera-se a recitar uma prece de angústia, ajoelhado no meio da rua Génova, agarrando as saias das senhoras que lhe passavam perto, afirmando que milhares de pessoas iriam morrer. Não parou até que as forças da ordem o vieram buscar. Deram-lhe umas bofetadas e, como não havia forma de o tranquilizar, acabaram por encerrá-lo nas masmorras de Triana até que lhe passasse o arrebatamento.

— O mundo acaba hoje — repetiu com firmeza mãe Lula enquanto caminhava junto à sua senhora em direção à catedral para escutarem a missa de Todos-os-Santos. — Sei disso porque os animais andam estranhos. Os burros estão teimosos. Os cães ladram como transtornados...

— Não me digas! — replicou dona Julia, levando a mão esquerda à face num gesto teatral de surpresa. — Os burros obstinam-se e os cães ladram? Que coisa mais estranha! Cuidado, cuidado...

— Os estorninhos partiram. Há três dias que nem um se vê...

— Oh, já chega, pelo amor de Deus! Esses desvarios de louca põem-me os nervos em pé. Se continuas a dizer sandices, meto-te no Hospital de São Cosme e São Damião, que me disseram que tomam lá conta das criadas malucas como tu.

Mãe Lula decidiu calar-se apesar da inquietação que bulia no seu interior. Continuou a caminhar em silêncio e subiu as escadas de acesso ao templo medindo de soslaio o aborrecimento da senhora. Quando chegaram à porta de entrada, dona Julia adiantou-se para empurrar um dos batentes. Então, mãe Lula esperou um instante agarrada ao seu cesto de vime, com os braços cruzados, o cenho franzido e o lábio inferior mais sobressaído do que o habitual. Viu a sua senhora avançar diante de si.

— Sim, sim... chame-me louca — murmurou consigo mesma antes de atravessar o umbral. — Mas hoje acaba o mundo.

Mãe Lula detestava não dizer a última palavra quando sabia que tinha razão.

Entraram na catedral pela Porta do Perdão perante as olhadelas desconfiadas das estátuas de São Pedro e São Paulo. São Pedro encontrava-se à esquerda com expressão austera, os cabelos revoltos e as chaves do Céu na mão. Estava mesmo ao lado da janelinha gradeada pela qual se avisava o padre para que ungissem os Santos Óleos aos paroquianos que tinham decidido deixar este mundo a horas inoportunas. São Paulo, por seu lado, estava armado com uma espada que agarrava com a mão direita, deixando a esquerda escondida atrás das costas numa postura de espadachim gracioso. Mas o mais suspeito nele era que essa mão que desaparecia entre as pregas da sua roupa parecia esticar-se milagrosamente e reaparecia por debaixo da figura, agarrando a peanha. Os dois apóstolos, juntamente com o arcanjo Gabriel, a Virgem Anunciada e o alto-relevo da parte superior onde Jesus expulsava os mercadores do templo, em clara contradição com a tradição popular de utilizar os degraus da catedral como mercado da cidade, eram o marco cristão no qual se embutia aquela entrada híbrida, a mais antiga do templo. Ao cruzar o umbral, entrava-se num

mundo mestiço, um Patio de los Naranjos que noutros tempos servia de *sahn* da mesquita. Aí, os fiéis faziam as suas abluções numa pia que pertencera a umas antigas termas romanas e que ainda se mantinha no centro. As civilizações do *Mare Nostrum* enlaçavam os seus caminhos no Patio de los Naranjos de Sevilha.

As duas mulheres caminharam na diagonal, evitando as laranjas caídas, até chegar à nave do Lagarto, lugar onde mãe Lula infalivelmente olhava sempre para cima.

— Lagarto, lagarto — disse, tocando na cabeça com os dedos indicador e mínimo da mão direita.

A pobre era de índole supersticiosa. Parecia-lhe um erro completo permitir que um crocodilo empalhado se mantivesse suspenso do teto da catedral desde os tempos em que o sultão do Egito o enviara como prenda ao rei Afonso X, no dia em que lhe pediu a mão da sua filha Berenguela. O Rei Sábio recusou a proposta matrimonial mas ficou com o crocodilo, que, em poucas semanas, se tornou preguiçoso por causa do cheiro a flor de laranjeira e do torpor do verão. Aprendeu a vir comer às mãos dos seus tratadores, dormia a sesta à sombra de um plátano na placidez vespertina dos Reales Alcázares, e algumas crónicas asseguravam que abanava a sua enorme cauda de réptil quando via chegar o rei, como se fosse um cachorrinho. Tomaram-lhe tanto carinho que, quando morreu, dissecaram-no, encheram-no de palha e suspenderam-no do teto da catedral para que trouxesse sorte.

Atravessaram a Puerta del Lagarto para submergirem na penumbra azulada da igreja, apenas quebrada pela luz tibia que se filtrava pelos vitrais. Caminharam em linha reta pelo lajedo de mármore branco e preto, deixando à sua esquerda a entrada da Giralda, a Puerta de los Palos, a Capela de São Pedro, a Capela Real... Exatamente atrás da Capela Maior, encontrava-se a capela funerária da família de López de Haro. Dona Julia soltou-se do braço de mãe Lula, pediu-lhe que segurasse no ramo de bignónias cor-de-rosa que tinham acabado de colher no pátio da casa e tirou a chave do pequeno bolso da sua vasquinha para abrir a cancela. Antes de o fazer, apercebeu-se dos brilhantes olhos de vidro de São João Evangelista que encimava o altar com o seu beatífico rosto de discípulo preferido de Jesus. O seu defunto marido tinha muita fé nele, e não só por se ter convertido no

patrono dos tipógrafos após redigir o quarto evangelho; também o admirava por ter suportado, com estoicismo de herói, que o imperador romano Domiciano lhe vertesse em cima um caldeirão de azeite a ferver. Segundo os sábios juízos do senhor De Haro, isso demonstrava que os impressores eram uma espécie de mártires abnegados, perseguidos desde o começo da cristandade por deixarem testemunhos escritos das verdades incômodas. No entanto, apesar das referências positivas do santo, de cada vez que dona Julia via o pequeno contorno daquela figura de barro envolta em veludo vermelhão, com a sua comprida melena de cabelo natural, os seus adornos encastoados de vidros coloridos e a sua boquinha entreaberta de lábios e língua impudicamente brilhantes graças a uma espessa camada de verniz escarlate, não conseguia afastar da sua mente a imagem das mulheres de vida dissoluta que viviam nos bordéis junto ao porto.

Desviou o olhar para voltar a prestar atenção à fechadura e deu a volta à chave. No preciso momento em que a porta começava a ceder, o piso do templo moveu-se como se fosse uma balsa flutuando num lago de azeite. Dona Julia foi acometida por uma sensação de enjoo e agarrou-se aos ferros do gradil.

— Deus tenha piedade de nós e nos perdoe os pecados! *Ámen!*

Mãe Lula benzia-se com uma rapidez inusitada.

O estremecimento durou apenas uns segundos, mas o silêncio posterior prolongou-se durante um bom bocado. Os olhares dos frequentadores da catedral cruzaram-se interrogativos, na esperança de que alguém pudesse dar uma explicação lógica para o que acabava de ocorrer, mas ninguém disse nada. A sensação de vertigem foi-se diluindo e os paroquianos retomaram os seus afazeres, duvidando que o solo tivesse realmente abanado.

Dona Julia empurrou a cancela da capela e entraram. Tirou uns trapos e um frasco de água com sabão do cesto que mãe Lula trazia, e aprestaram-se ambas a assear a laje que cobria o túmulo do seu marido com a mesma competência com que limpavam o pó do aparador da casa. Uma vez limpa, dona Julia tirou as flores secas das floreas que serviam de custódia à imagem de São João Evangelista e trocou-as pelas que mãe Lula segurava. Alisou-as como se estivesse

a arranjar um penteado e, quando concluiu que estavam já suficientemente vistosas, soltou um suspiro. Voltou-se e olhou para as letras gravadas na lápide. Quis encher os seus pensamentos com imagens piás, qualquer coisa relacionada com o defunto e as suas virtudes terrenas, desejando que lhe viesse à cabeça uma oração, mas toda a sua mente estava ocupada pelos afazeres desse dia. Resignou-se com a certeza de que não tinha mais nada a fazer ali. Ainda assim, manteve-se imóvel e silenciosa diante da tumba. Não queria que ninguém a visse sair demasiado cedo do local onde descansava para a eternidade o seu marido, precisamente numa festividade tão marcante quanto aquela. Passado um tempo que ela considerou prudente, benzeu-se, saiu com mãe Lula e fechou a capela à chave. Voltaram a dar o braço e, juntas, caminharam em direção à Capela Maior para arranjar um bom lugar.

Como era um dia especial, a missa seria oficiada pelo padre Zacarías, o poeta cego célebre pelos seus recalcitrantes sermões. O pregador contava com uma ampla lista de devotos que o seguiam para todo o lado como se fosse um visionário onnipotente. Certos círculos citadinos garantiam que a sua cegueira física facilitava-lhe o poder de ver com os olhos da alma e que isso fazia-o cem vezes mais perceptivo do que o resto dos mortais. A sua fama era tanta, que dona Julia contratou um jovem copista que se sentava na primeira fila das igrejas para transcrever os seus sermões mais líricos. Depois, a tipografia encarregava-se de os editar em literatura de cordel para que os que soubessem ler pudessem adquiri-los, estudá-los, dissecá-los e absorvê-los na intimidade da sua alcova. Se alguém perdia a última homilia do padre poeta, isso não era um problema, porque rapidamente podia escutá-la recitada com música pelas esquinas da cidade graças aos panfletos que a viúva De Haro comercializava.

Naquele sábado, o padre Zacarías subiu ao púlpito com ar resignado.

— Irmãos — começou, com uma voz quase chorosa. — Muito gostaria eu de assegurar que todas as almas que abandonam este vale de lágrimas estão no Céu. — Fez uma pausa, mudou de atitude e deu um grito que acordou um homem que cabeceava na terceira fila. —

Não posso! O ser humano está cheio de vaidade, de soberba, de vileza... Por isso existe a condenação. O Inferno! — bramiu ele, agitando o punho por cima da cabeça.

As mulheres ficaram sem respiração e os homens abriram os olhos e retesaram os dedos, agarrando-se aos joelhos. Mas as homilias seguiam um ritmo estudado de rigidez e alívio. Quando o padre Zacarias percebia que o seu auditório estava à beira da angústia, esperava um bocado, prolongava esse momento de dor prazenteira, modificava o semblante sombrio por um tranquilizador e concluía que ainda havia lugar para a esperança.

Dona Julia conhecia a fórmula dos sermões na perfeição, que acabavam por não a impressionar. Ela era mais pragmática. Estava convencida de que Deus a consideraria melhor cristã se falasse pessoalmente com ele durante cinco minutos por dia em vez de Lhe exigir que ouvisse falar d'Ele a toda a hora. Certa de que poucos chegariam a compreender a sensatez das suas opiniões, sentava-se na segunda fila para se deixar ver. Ali, o oficiante tinha-a debaixo de olho e os ocupantes dos bancos contíguos eram testemunhas do seu rosto severo, um digno reflexo da sua alma compungida pela morte do marido, pobrezinha, tão jovem, deixou-a sem filhos, com um negócio tão complicado às costas. Os retardatários que ocupavam os últimos bancos podiam aperceber-se da sua presença pela simetria quase geométrica do seu carrapito castanho ao alinhar-se com o seu esbelto pescoço. Mesmo à distância, dona Julia era inconfundível. Sempre vestida de luto profundo, alta, magra, a cara ainda fresca como fruta da época, com as costas bem direitas, indício, segundo asseguravam os mais suscetíveis, de que tinha alma de arrogante, por muito recatada que se mostrasse em público.

Quando o padre Zacarias chegou à parte da ressurreição dos mortos, ela abriu a boca num inesperado bocejo. Tentou reprimi-lo com as costas da mão, mas acabou por se lhe escapar, produzindo um som parecido com o gemido de um gatinho. Os da primeira fila voltaram-se para a olhar. Mãe Lula suspirou alto para dissimular e deu-lhe umas palmadinhas no ombro. Alguns confundiram o gesto das mulheres com um soluço piedoso perante a recordação do longo marido falecido cinco anos antes e olharam-na com compaixão. Ela assentiu em sinal de agradecimento.

Dona Julia estava desejava de que a missa terminasse. Tinha mil e uma coisas a fazer na tipografia: concluir a impressão de uma relação em que se dava conta da refrega entre os exércitos do rei Fernando VI e a seita maometana na praça de Ceuta, encarregar-se da reimpressão das zarzuelas *El juicio de Paris* e *Elena robada*, acabar a carta do conde Nolegar Giatamor com referência à última alteração entre idiotas e estouvados... Apetecia-lhe chegar a casa, libertar-se dos sapatos e sentar-se no pátio para se deixar invadir pelo intenso aroma dos gerânios, que lhe recordava sempre o cheiro a livros antigos. Dali podia observar sem problemas as atividades da tipografia. Desfrutava com o som ritmado da nova impressora que tinha mandado vir de Génova e que era uma autêntica máquina moderna, desconhecida em Sevilha até esse momento. Era impulsionada por molas para ajudar a levantar rapidamente a platina e era capaz de imprimir cerca de duzentas e cinquenta cópias por hora. Graças a ela, a sua tipografia seria a mais falada da cidade.

Mas, sobretudo, o que mais lhe apetecia era divisar a sombra de León misturando-se com o resto dos empregados. Adivinhar a curva do seu queixo, a cor azul-mar dos seus olhos, a musculatura forte dos seus braços. A princípio, teve cuidado para que o rapaz não desse pelo seu interesse, mas neste momento já não lhe importava quando ele percebia de repente a pressão da sua vigilância na nuca e se voltava. Quando León a descobria observando-o nas suas idas e vindas, paralisada entre as sombras, com a expressão dura da patroa que controla o trabalho do seu pessoal, também ele ficava quieto e lhe sustentava o olhar. Não era um desafio; era mais uma interrogação. Os olhos de dona Julia fascinavam-no; tentava compreender porque é que aquela mulher emitia aquele brilho palpitante que só ele julgava perceber. A peleja visual que ambos mantinham costumava terminar com ela vencedora. Ele baixava a cabeça, desnortado, e retomava os seus afazeres com um meio sorriso nos lábios. Quando León deixava de a olhar, ela aproveitava para voltar a respirar.

Ninguém conhecia as origens de León. Tinha surgido do nada meses antes, envolto num véu de mistério. A primeira vez que o viram na cidade, andava a deambular pelas redondezas da catedral com aspeto de marinheiro à deriva. Usava o cabelo comprido, de um louro quase branco, seguramente devido ao salitre e ao sol meridional.

Possuía uma beleza perturbadora. A maior parte das pessoas que entabulavam uma conversa com ele não conseguia suportar a pressão daqueles olhos de céu e acabava por olhar para o chão, balbuciando palavras desconexas. León era uma daquelas pessoas nascidas para serem recordadas pelo resto dos mortais. A sua postura de escultura grega, os seus silêncios, os seus movimentos lentos e eficazes, não faziam mais do que garanti-lo nessa condição de ser misterioso que intimida os cobardes e fascina os intrépidos. Os mais desconfiados afirmavam que León fora tripulante de um barco que navegava sob uma bandeira negra decorada com uma caveira e duas tíbias cruzadas, acatando as ordens do pirata Calico Jack. Mas os homens do bergantim em que ele tinha chegado a Sevilha contaram, bêbados numa taberna do porto, o que ele lhes dissera durante a travessia; afirmava ter nascido na ilha de Malta donde tinha sido sequestrado pelos otomanos, que lhe trocaram o nome de León pelo de Asad, o seu equivalente em árabe. Aquilo pôs os cabelos em pé aos mais catastrofistas. As alusões a barcos piratas, a soldados turcos e mares revoltos trouxeram-lhes à memória que, aí por volta do ano 844, os viquingues tinham subido o Guadalquivir com as suas cabeleiras louras e o seu intratável carácter nórdico para destruir em menos de uma semana a cidade, aproveitando o crédulo feitio sevilhano.

— Este jovem... daqui não é — assinalaram os mais velhos. — Terá de ser vigiado.

Dona Julia lembrava-se muito bem da primeira vez que o viu. Naquele dia, Cristóbal Zapata, o encarregado da tipografia, saíra para tratar de alguns assuntos e ela tinha ficado a tomar conta de tudo. Jamais esqueceria essa imagem de corsário de fábula a entrar pela porta da sua oficina. Nunca se sentira tão intimidada pela beleza de uma pessoa. Às vezes, permitia-se fantasiar com ele. Imaginava-o a forçar a porta da sua alcova em plena noite, avançando para ela, sério, firme, seguro, iluminado unicamente pela luz metálica de uma enorme lua cheia. León afastava com um forte puxão os lençóis que a cobriam e tomava-a nos seus braços com a doçura com que se embala uma criança. Então, ela rodeava-lhe o pescoço e afundava o rosto no peito moreno, aspirando o seu cheiro a fumo, enquanto ele caminhava até à porta para subirem para um navio fantasmagórico que zarparia em direção ao mar das Caraíbas. Uma vez aí, ainda na sua camisa